



NOTA EDITORIAL

DIÁLOGOS PARA UMA GEOGRAFIA CULTURAL DA AÇÃO

O VII Seminário LECgeo “Diálogos para uma Geografia Cultural Ativa”, realizado entre 07 e 09 de novembro de 2023 no Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), campus Recife, representou um momento de retomada dos diálogos pós-pandemia entre participantes e egressos do Laboratório de estudos sobre Espaço, Cultura e Política, cujo último evento presencial ocorreu em agosto de 2019 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), campus Quixadá.

As pessoas interessadas no avanço da Geografia Cultural, seja no núcleo Recife ou Quixadá, embora não tenham cessado suas investigações por conta da Covid-19, sentiram por bem reafirmar seus projetos e parcerias, ensejando a continuidade de uma atuação profissional proativa e sinérgica, tendo como norte a temática “Diálogos para uma Geografia Cultural da Ação”. Optamos por esta mudança terminológica de modo a deixar claro que não se trata de uma associação imediata à Geografia Ativa¹, conhecido movimento ocorrido na França, nos anos 1960, muito embora retenhamos dessa fase o problema filosófico da necessidade de uma ciência engajada socialmente para atuar na resolução de problemas do seu tempo.

A busca por relevância social tem influenciado cada vez mais a Geografia Cultural, que sofreu reviravoltas marcantes nas décadas de 1970-80, com suas bases lablacheanas e sauerianas submetidas a fortes reservas devido à pouca consideração das sociedades urbanizadas e da disseminação do avanço tecnológico, bem como dos processos de homogeneização dos modos de vida, das formas de produção, habitação, comunicação etc. no mundo moderno. De sorte que foram abalados certos princípios daquela abordagem cultural tradicional, que buscava sobretudo diferenciar historicamente regiões geográficas e culturas com base em elementos materiais estáveis (Claval, 2002). Nécio Turra Neto, apoiando-se em James Duncan (2000), resume:

Internamente, o projeto dessa Geografia Cultural [tradicional] não pôde resistir às mudanças epistemológicas que emergiram com a Geografia Humanista e a Geografia Marxista nos anos de 1970. Ambas fizeram críticas ao modelo de análise espacial dos “padrões mapeáveis de fenômenos concretos”, em que se baseava tanto a Nova

¹ Para uma sucinta revisão sobre a Geografia Ativa, consulte-se Verdi (2020).

Geografia, quanto a Geografia Cultural Tradicional. Uma crítica direcionada ao fato destes geógrafos e geógrafas verem a Geografia, sobretudo, como ciência espacial e não como ciência social. **Os/as jovens geógrafos culturais, acompanhando as tendências então em voga, buscaram temas com relevância social** e descobriram uma Geografia Cultural destituída de ferramentas teóricas e conceituais para entender o mundo contemporâneo, sobretudo as sociedades urbanas (Turra Neto, 2013, p. 42, grifo nosso).

Na busca por tornar a Geografia Cultural socialmente atuante foram praticadas, inclusive, possíveis interpenetrações de perspectivas culturais inovadoras e proposições marxistas (caras à Geografia Crítica) por pensadores como Denis Cosgrove, amplamente lido no Brasil a partir dos anos 2000. Autores incorporaram elementos do materialismo histórico em suas análises da paisagem e chamaram atenção para o fato de que a cultura havia se tornado uma dimensão incontornável dos processos de transformações pelos quais passava a sociedade capitalista.

Num contexto de *virada cultural* nas Ciências Humanas (pós 1970), impulsionado pelos movimentos sociais negros, feministas, ambientais temos a emergência de pautas acadêmicas com foco em diversos sujeitos e suas subjetividades, o lugar do significado na vida social em geral, a produção discursiva da diferença de gênero e raça, o jogo de narrativas manejados por intencionalidades políticas e de marcação de poder. Neste sentido, o conceito de cultura como entidade coerente e distinta foi contestado, a partir da concepção de mundos de significado geralmente contraditórios, pouco integrados, conflituosos, mutáveis e altamente permeáveis (Sewell Jr., 2008).

James Duncan (2002) celebrou-se por desconstruir a visão de cultura na geografia saueriana como uma entidade supraorgânica, sobre a qual os indivíduos não teriam qualquer domínio. A proposta de Cosgrove foi fortemente influenciada pelas ideias de Stuart Hall e Raymond Williams, como também pelas contribuições advindas da fenomenologia e da hermenêutica. Mobilizando como base o materialismo cultural, integrantes dessa corrente passaram a enfatizar, assim, a interação dinâmica entre práticas culturais e estruturas sociais e econômicas, destacando a cultura não apenas como um reflexo da sociedade, mas também como um agente na configuração e transformação das relações sociais de produção e das identidades, sejam individuais ou coletivas. Segundo essa teoria, expressões culturais teriam íntima relação com questões ideológicas, de classe, poder e etnicidade.

Portanto, o legado de propostas que visam à maior inserção da geografia na resolução de problemas que atingem concretamente a sociedade continuam como fontes de inspiração, muito embora o peso do estruturalismo, seja econômico ou social, tenha constituído um obstáculo à observação crucial do papel dos sujeitos para os conflitos e mudanças culturais. Apenas mais recentemente, pelo menos no Brasil, as questões atinentes à agência das pessoas e à interseccionalidade passaram a fazer parte das preocupações geográficas. Vincent Berdoulay e Xavier Arnauld de Sartre atestam que,

Quando o estruturalismo começou a declinar, a análise das estruturas (simbólicas, sociais, econômicas ou até naturais) deixou de ser percebida como a única chave de compreensão, e as ciências humanas e sociais buscaram um lugar maior no voluntarismo do ator, nas suas estratégias individuais e coletivas. Ao mesmo tempo, a subjetividade das populações foi estudada enquanto representação, mas sem que essa subjetividade fosse articulada diretamente à ação e à transformação do mundo (Berdoulay; Arnauld de Sartre, 2005, p. 112).

Para Joseli Maria Silva (2003), baseada em geógrafas feministas como Linda McDowell, Liz Bondi e Mona Domosh, e em texto de James Duncan e Nancy Duncan, destaca que foi com a Nova Geografia Cultural que se abriu a possibilidade de abordagens inovadoras que exigem um novo conjunto de métodos. A exemplo da questão de gênero,

A omissão científica da abordagem da mulher enquanto sujeito social tem sido denunciada por geógrafas feministas através de seu esforço em incluir o gênero enquanto um objeto de estudo da geografia e, para muitas delas, o estudo da mulher foi uma decisão política e uma estratégia de tornar seu trabalho visível no corpo da pesquisa geográfica (Silva, 2003, p. 34).

Na atualidade, as preocupações da Geografia Cultural com novas categorias e com a intercessão das condições de existência dos sujeitos concernidos (pesquisadores e pesquisadoras, interlocutores e interlocutoras nas comunidades estudadas) exige a observância de sua complexidade (corporeidade, gênero, raça e etnia, faixa etária, sexualidade etc.), de modo que nos convida a repensar as próprias subjetividades das pessoas envolvidas e suas formas de ação transformadora da realidade e do que pensamos como cultura.

Essa seria a perspectiva coeva de uma Geografia Cultural engajada social e politicamente: pensar geograficamente cultura e política em permanente ação no cotidiano, considerando o sujeito enquanto inseparável de seu lugar, seguindo a pista de Berdoulay (1997). Acrescentaríamos: inseparável de sua geograficidade e sua corporeidade. Isto é, pensar geograficamente cultura e política, partindo do pressuposto da indissociável relação entre essas duas dimensões da vida coletiva, ambas “situadas” e em permanente ação no cotidiano. Integrar o âmbito dos debates sobre políticas de identidade características de grupos que conformam a plêiade social em Estados pós-coloniais, em que se perfilam fenômenos recorrentes tais que o surgimento de culturas híbridas, a essencialização de territorialidades étnicas ou a patrimonialização da natureza.

Neste sentido, após a breve digressão sobre o caráter “ativo” da Geografia Cultural que defendemos, cabe apresentar os artigos que resultaram dos debates durante o aludido encontro, quando discutimos o fortalecimento dos eixos desenvolvidos no laboratório. Os trabalhos selecionados para o presente número especial da Revista de Geografia (Recife) se organizam em torno de quatro blocos dialógicos, que refletem as preocupações supracitadas:

a) *Representações*. Neste primeiro grupo, objetivamos contemplar análises sobre cinema, redes sociais da internet, literatura e arte em geral, de modo a ampliar os instrumentos de análise da Geografia Cultural para além das linguagens textuais, inserindo imaginários geográficos materializados pelo universo artístico e técnico como elementos estruturantes das geografias, identidades e ideologias contemporâneas. Anthony de Pádua Almeida em “Espaço e cultura em três festas juninas: crônicas do sagrado e do profano” dialoga, através de escrita literária autoral, com os significados conferidos aos espaços divinos e mundanos em três municípios de São Paulo; Jeovane Fidelis Querino e Caio Maciel percorrem um dos balneários mais famosos do Brasil em “Praia dos Carneiros no Instagram: dimensões estéticas e políticas”, investigando o uso de discursos fotográficos nessa rede social por usuários ligados ao turismo; o artigo “O geossímbolo *arpillera* como linguagem de resistência política” de Rutt Keles Alexandre da Silva, mostra como um tipo de artesanato se consolidou enquanto expressão da luta contra o regime ditatorial no Chile, constituindo-se em ícone do protagonismo feminino; já Pedro Maia Filho defende em “Explorando a linguagem cinematográfica no ensino de geografia: uma mediação da paisagem” que o cinema deve ser utilizado no ensino de Geografia não apenas como uma ilustração do conteúdo curricular, mas como uma linguagem que permite aos alunos explorar e compreender diferentes culturas, paisagens e regiões; por fim, Pietro Félix de Queiroz e Emanuel Fernandes revisitam as possibilidades do cinema para nossa disciplina em “Cineclubes LECgeo: a experiência cineclubista na geografia e no desenvolvimento do raciocínio geográfico”, onde enfatizam o papel da imagem em movimento na partilha de sensibilidades estéticas e políticas sobre o espaço.

b) *Paisagem e práticas espaciais*. Aqui almejamos investigar como as paisagens se tornam fontes estruturadoras de identidades e práticas espaciais, investigando o processo de constituição do imaginário geográfico e da atividade política dos sujeitos. O artigo de David Tavares Barbosa “O conceito de paisagem

e suas atualidades políticas, teóricas e sociais” discorre sobre práticas, embates e reformulações teórico-metodológicas em torno do conceito em tela, levantando três questões que sinalizam a sua renovação: políticas públicas, ampliação teórico-conceitual e demandas paisagísticas de grupos sociais diversos, refletindo o contexto contemporâneo; David Tavares Barbosa também assina, com Maria Vitória Andrade, “A contradição do visível: intervenções paisagísticas e gestão dos resíduos sólidos no bairro do Vasco da Gama, Recife (PE)” onde se discute o protagonismo popular dos moradores, elemento fundamental para a cidadania e o cuidado com os espaços públicos. As ações na paisagem são ressaltadas como mobilizadoras no enfrentamento de problemas como acúmulo de lixo e falta de equipamentos de lazer; na terceira contribuição Augusto Rodrigo Bezerra da Silva e Gleice Azambuja Elali analisam o espaço público em Vitória de Santo Antão (PE) no artigo “A praça da Matriz nas percepções de jovens e idosos: experiências, usos e significados”, onde ponderam que o lugar transcende sua materialidade, sendo permeado pelas subjetividades e experiências individuais e coletivas dos que o frequentam.

c) *Relações étnico-raciais e de gênero*. Esta seção atenta para as geografias ligadas à produção de significados que conformam sistemas de linguagem que reverberam em imaginações do e em ações no mundo atravessadas por marcações da diferença como raça e gênero. Susana Dainara Terto de Oliveira e Priscila Batista Vasconcelos assinam o trabalho “Narrativas de trajetórias socioespaciais de estudantes negras do curso de geografia da Universidade Regional do Cariri, em Crato-Ceará” em que analisam percursos socioespaciais de mulheres negras em uma universidade do interior do Nordeste, utilizando a perspectiva das “escrivências” de Conceição Evaristo. Destacam a importância da família e das políticas de assistência estudantil para a permanência dessas estudantes no ensino superior, bem como a participação dos movimentos negros. A contribuição de Mário Ferreira da Silva Mélo e Caio Maciel intitulada “Inflexões decoloniais sobre a região cultural do Nordeste Agrário do Litoral descrito por Manuel Diégues Júnior” objetiva reconhecer e decodificar a colonialidade do poder e do saber presentes no livro “Regiões Culturais do Brasil” de Manuel Diégues Júnior, de 1960. Os autores identificam construções discursivas permeadas por preceitos coloniais e racismo, influenciadas por Gilberto Freyre, apontando a necessidade de desafiar normativas retrógradas que ainda persistem na compreensão daquela região. Já Wedmo Teixeira Rosa e Guilherme Alves Cardoso em “Espaços simbólico-culturais no contexto das religiões afro-brasileiras: o caso do terreiro de umbanda Templo Espiritualista Pai Oxoce” demonstram que as religiões de matriz africana guardam um processo de recriação e memória, com o espaço assumindo uma dimensão simbólica crucial, apesar de ser também objeto de preconceito. Os autores estudaram um terreiro no Recife, destacando a importância da territorialidade do lugar como um direito e um fator relevante na legitimação da comunidade e seus costumes. Fechando esse item, Larissa Lima de Souza apresenta “Maracatu-nação e (ex)posição no espaço público: uma interpretação geográfica sobre patrimônio imaterial e identidade religiosa a partir da coroação de rei e rainha da Nação Encanto da Alegria (Recife-PE, 2022)”, pesquisa que se concentra em entender as significações dos rituais de um maracatu-nação utilizando categorias espaciais. Dessa forma, pontua que a ocupação do espaço público é uma estratégia para buscar legitimidade e projeção de identidades culturais e étnico-religiosas, tendo a cerimônia de coroação dimensões políticas e religiosas, com um papel aglutinador para a comunidade.

d) *Convivência com o semiárido*. Por fim, há o tema que originou o LECgeo, as reflexões sobre cultura, espaço e políticas públicas nos sertões, onde mudanças recentes resultam de uma geopolítica da natureza em várias escalas, incluindo a valorização da Caatinga e o surgimento de projetos e políticas que consideram a convivência com o semiárido. A contribuição de Luciano Guimarães e Emílio Pontes intitula-se “O projeto de desenvolvimento sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (PROCASE) e suas ações no município de Cabaceiras - PB”, constitui um estudo sobre as premissas e efeitos de uma política pública no semiárido paraibano, destacando estratégias como armazenamento hídrico, pecuária de pequeno porte e produção de forragem visando reduzir desigualdades e adaptar tecnologias às condições locais. Fechando

o número especial da revista, apresentamos o relato de experiência em ensino e pesquisa “Narrativas e canções: geomusicalidades nos sertões nordestinos” atividade coordenada por Emílio Pontes no âmbito do LECgeo/Núcleo Quixadá. A ação realizou-se no curso de Geografia do IFCE naquele município ao longo de 2023, partindo da constatação de que os estudantes têm acesso a músicas que narram o cotidiano sertanejo. Através de uma abordagem hermenêutica, foram identificados sentidos discursivos nas letras das canções, havendo uma apresentação didático-pedagógica na VI Semana de Geografia daquela instituição como culminância do processo.

Que prossigamos nos diálogos e nas ações!

Recife, setembro de 2024

Caio Augusto Amorim Maciel, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1769-9597>; E-mail: caio.maciел@ufpe.br

Priscila Batista Vasconcelos, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0089-6279>; E-mail: priscila.vasconcelos@ufpe.br

Emílio Tarlis Mendes Pontes, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, campus Quixadá, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9155-5666>; e-mail: emilio.pontes@ifce.edu.br

David Tavares Barbosa, Universidade Estadual do Piauí (USPI), campus São Raimundo Nonato, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5274-2493>; e-mail: davidbarbosa@srn.uespi.br

REFERÊNCIAS

BERDOULAY, Vincent. Le lieu et l'espace public. **Cahiers de Géographie du Québec**, Montréal, v. 41, 1997, p. 301-309.

BERDOULAY, Vincent.; ARNAULD DE SARTRE, Xavier. Teoria do sujeito, geografia e desenvolvimento local. **Novos Cadernos NAEA** v. 8, n. 2, p. 109-124, dez. 2005.

CLAVAL, Paul. Campo e perspectivas da geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002. p. 133 - 196.

DUNCAN, James Stuart. Após a guerra civil: reconstruindo a Geografia Cultural como heterotopia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia Cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2000. p. 61-83.

DUNCAN, James Stuart. O Supraorgânico na Geografia Cultural Americana. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n.13, p.7-33, jan./jun. de 2002.

SEWEL JUNIOR., William. “The concept(s) of culture” from beyond the cultural turn: new directions in the study of society and culture (1999). In: OAKES, Timothy S.; PRICE, Patricia L. **The Cultural Geography Reader**. Oxford: Routledge, 2008, p. 40-49.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional** 8(1): 31-45, Verão 2003.

VERDI, Elisa Favaro. A Geografia ativa. Um legado crítico para a Geografia brasileira. In: **Terra Brasilis**, 13, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/6312>. Acesso em 15 de março 2024.